

## O Surgimento da Crítica Textual na Época Alexandrina

Ana Alexandra Alves de Sousa  
sousa1@campus.ul.pt

O Império de Alexandre foi dividido pelos diádocos e a Ptolemeu Sóter, general de Alexandre, coube o Egipto. A Dinastia Ptolemaica, ou Lágida, foi uma dinastia de Macedónios, que governaram o Egipto de 303 a 30 aC, ou seja, vinte anos depois da morte de Alexandre Magno até à conquista romana e à morte de Cleópatra VII. Alexandre morrera, deixando por cumprir o projecto de tornar Alexandria um centro de conhecimento. O Mouseion terá sido fundado ou por Ptolemeu I Sóter (c.367-c.283 aC) ou pelo seu filho Ptolemeu II Filadelfo (309-246 aC)<sup>1</sup>, sob o qual se viveu a Idade de Ouro de Alexandria.

O Mouseion era um centro de aprendizagem e investigação. Estrabão descreve-o como pertencendo à parte real da cidade, com um passeio coberto, uma arcada, assentos e um edifício maior com uma entrada comum, onde os seus membros comiam (Str. 17.1.8). A ele pertencia a famosa Biblioteca de Alexandria, que, na verdade, seriam duas, uma mais pequena e outra maior. Não se sabe onde estas estavam situadas nem temos delas nenhuma descrição. É provável que a maior, o Brucheion, estivesse localizada a uma pequena distância do porto. Embora não se saiba o número de volumes que conteriam, sabemos que reuniriam um notável acervo.

O desejo de estudar os textos da Antiguidade e de pensar sobre a língua grega, que era a língua dos eruditos e da corte, levou os estudiosos de Alexandria a desenvolver o que hoje designamos por estudos literários, lexicográficos e filológicos. Num esforço de síntese, organizaríamos estes trabalhos em três grandes áreas: I. Obras de catalogação, lexicografia e interpretação literária; III. Estudos sobre a língua grega; IV. Edições.

Das obras literárias que estes homens também escreveram resta-nos pouco. A vastíssima obra de Calímaco de Cirene (c. 310-c.240 aC) ficou reduzida a fragmentos dos *Aetia* e de um poema intitulado *Hécale*, além de hinos e epigramas; de Licofronte de Cálcis (c.330-c.325 aC) temos um poema intitulado *Alexandra* (c.284 aC), cujo sentido permanece ainda hoje duvidoso; e de Apolónio de Rhodes (c.295-c.215 aC) resta-

---

<sup>1</sup> Grube (1995: 123) defende a data de 285 aC. Montana (2015: 78) fala da influência de Demétrio de Falero na política cultural de Ptolemeu I e coloca a hipótese de que o discípulo de Teofrasto o tenha inspirado a fundar esta instituição cultural, que tomou como modelos a Academia de Platão e o Liceu de Aristóteles.

nos o poema épico em quatro livros sobre a expedição dos Argonautas à Cólquida, em busca do velo de ouro, intitulado *Argonáutica*.

No âmbito da catalogação e lexicografia, referiremos alguns nomes que produziram os primeiros glossários e histórias da literatura. Filetas de Cós (c.340-c.285-3) foi autor de um glossário de palavras poéticas incomuns, os *ᾠακτα* ou *ᾠακτοὶ γλῶσσαι* ou *γλῶσσαι* (Ateneu, *Deipnosophistae* 11)<sup>2</sup>. Zenódoto de Éfeso (c.325-c.234 aC)<sup>3</sup> escreveu conjecturas sobre os poemas de Píndaro e Anacreonte, classificou os poetas épicos, compôs um glossário homérico. Alexandre Etolo (c.315-270 aC) classificou os dramas trágicos e satíricos e talvez por isso seja designado *γραμματικός* (Suda). Licofronte de Cálcis organizou os poetas cómicos; escreveu os primeiros tratados sobre comédia, talvez em onze livros. Calímaco de Cirene escreveu os *Πίνακες*, um catálogo da biblioteca que foi a primeira história da literatura grega, em cento e vinte volumes, com oito secções (poetas dramáticos apresentados por ordem cronológica, poetas épicos e líricos, legisladores, filósofos, historiadores, oradores, teorizadores de retórica, escritores variados, segundo uma ordem alfabética). Apolónio de Rodas foi autor de monografias sobre Homero, sobre Hesíodo, sobre Arquíloco; defendeu a autenticidade do escudo de Hércules e rejeitou a atribuição a Hesíodo da *Ornitomania*. Eratóstenes de Éfeso (c.276-195 aC) redigiu uma obra em doze livros sobre a Comédia Ática Antiga, intitulada *περὶ τῆς ἀρχαίας κωμωδίας*<sup>4</sup>. Aristófanes de Bizâncio (c.257-c. 180 aC)<sup>5</sup> escreveu introduções aos textos dramáticos de Ésquilo, Sófocles, Eurípides e Aristófanes, que sobreviveram sob a forma de argumentos (*ὑποθέσεις*); dividiu as odes de Píndaro em dezasseis livros (oito relativos ao homem, *εἰς ἀνθρώπους*, oito respeitantes aos deuses, *εἰς θεούς*); dividiu a obra de Platão em trilogias (I. *República*, *Timeu*, *Crítias*; II. *Sofistas*, *Político*, *Crátilo*; III. *Leis*, *Minos*, *Epínomis*; IV. *Teeteto*, *Êutífron*, *Apologia*; V. *Críton*, *Fédon*, *Cartas*).

No domínio linguístico, sobressaiu Aristófanes de Bizâncio. Os escólios homéricos atribuem-lhe o uso da *στιγμή* (o ponto). No entanto, é duvidoso que tenha inventado os

---

<sup>2</sup> Montana (2015: 71, n.33) indica alguns dos principais estudiosos que têm debatido a exacta natureza e conteúdo desta obra.

<sup>3</sup> Foi o primeiro bibliotecário de Alexandria, além de ter sido tutor de Ptolomeu II. Pfeiffer (1968: 107) situa a sua *ἀκμή* em 288 aC, ainda no tempo de Ptolomeu I. Sandys (1967: 120) considera que Zenódoto concluiu a primeira edição científica da *Ilíada* e da *Odisseia* antes de 274 aC.

<sup>4</sup> Segundo Estrabão (Str. 1.1.10), Eratóstenes opunha-se aos que queriam ver nas batalhas da *Ilíada* e nos erros de Ulisses na *Odisseia* referências a factos e lugares históricos, pois defendia que o objectivo da poesia era não o de ensinar, *διδασκαλία*, mas o de entreter o espírito, *ψυχαγωγία*.

<sup>5</sup> Foi discípulo de Zenódoto, Calímaco e Eratóstenes e bibliotecário de Alexandria na época de Ptolomeu V Epifânio (210-180 aC).

sinais de pontuação<sup>6</sup>. Isócrates já usaria a *παραγραφή* (Is. *Or.* 15.59). Aristóteles manifesta a sua dúvida de pontuar (*διασιζαι*) uma frase de Heráclito (Arist., *Rh.* 3.5) e fala já na *παραγραφή* (Arist., *Rh.* 3.8). Quanto à acentuação, Aristófanes é, de facto, o primeiro gramático de cujos acentos se fala.

A frequência e o hábito com que se editavam textos antigos reflectem-se numa anedota contada por Diógenes Laércio, sobre Arato, que pergunta a Tímon de Fliunte (filósofo céptico grego do séc. III aC) como poderia adquirir uma versão fiável da poesia de Homero. Como resposta Arato recebeu o conselho de procurar um manuscrito antigo e de evitar as versões revistas pela crítica<sup>7</sup>.

Dos autores das chamadas *ἐκδόσεις*<sup>8</sup>, destacamos Zenódoto de Éfeso, Aristófanes de Bizâncio e Aristarco de Samotrácia (c.220-c.145 aC)<sup>9</sup>. Não podemos deixar de referir também Apolónio de Rodes<sup>10</sup>. A sua obra *Πρὸς Ζηνόδοτον*, da qual os *scholia uetera* nos transmitem alguns fragmentos, podem reflectir uma visão crítica pessoal sobre os manuscritos do texto homérico, como Rengakos realça (2001: 204). Para falarmos de crítica textual na época alexandrina usaremos a informação dada sobretudo pelos escólios sobre as *ἐκδόσεις* dos Poemas Homéricos, já que são estas as edições que melhor podemos conhecer.

Informam-nos os escólios que Zenódoto usou o óbelo<sup>11</sup> para atetizar o texto homérico. Mas, mesmo que considerasse um passo espúrio, incluía-o na sua edição. Já Aristarco utilizava os óbelos para assinalar os versos de leitura duvidosa, segundo um testemunho

---

<sup>6</sup> Pfeiffer (1968: 180) considera que o sistema de pontuação mais desenvolvido data da época de Adriano, remontando ao gramático alexandrino Nicanor. Sandys (1968: 126) não põe em dúvida o papel de inventor de Aristófanes no âmbito da pontuação.

<sup>7</sup> “φασὶ δὲ καὶ Ἄρατον πυθέσθαι αὐτοῦ πῶς τὴν Ὀμήρου ποιήσιν ἀσφαλῆ κτήσαιο, τὸν δὲ εἰπεῖν, ‘εἰ τοῖς ἀρχαίοις ἀντιγράφοις ἐντυγχάνοι καὶ μὴ τοῖς ἤδη διωρθωμένοις’” (D.L. 9.113).

<sup>8</sup> Designava-se *διόρθωσις* o processo de emendar os textos de forma que estes se aproximassem do original o mais possível (Montana 2015: 90-91).

<sup>9</sup> Aristarco foi bibliotecário no tempo de Ptolemeu VI Filometor (180-145 aC), filho de Ptolemeu V Epifânio. Foi tutor do filho mais novo de Ptolemeu V Epifânio, que viria a ser Ptolemeu VIII Fiscão (Évergétas II), rei entre 170-163 aC e entre 145-116 aC; tutor do filho mais velho de Ptolemeu VI Filometor, Ptolemeu Eupator (neto de Ptolemeu V) e tutor do filho mais novo daquele, que foi Ptolemeu VII Novo Filópator.

<sup>10</sup> Segundo o P. Oxy. 1241 (séc. II dC) foi bibliotecário entre 270-245 aC.

<sup>11</sup> Trata-se de uma linha horizontal. O termo grego *ὄβελος* significa “espeto”. Hoje nas edições de texto este símbolo tomou a forma de uma *crux* (†) usada para delimitar palavras que se consideram corruptas. No caso de ser apenas uma palavra coloca-se uma *crux* à sua esquerda. Foi usado como símbolo da divisão, no séc. XVII, no livro de álgebra de Johann Rahn, intitulado *Teutsche Algebra* (1659) e adoptado como símbolo de divisão no Reino Unido e nos Estados Unidos (÷). Serviu como símbolo de subtracção na Escandinávia, Suíça, Alemanha e Holanda.

do século II dC<sup>12</sup>. Há notícia do óbelo acompanhado de dois pontos para assinalar passos espúrios, na edição da obra de Platão, segundo Diógenes Laércio:

“O óbelo com dois pontos para os passos conjecturalmente espúrios”<sup>13</sup>.

O *κεραύνιον* (T) é mencionado uma só vez nos escólios a Homero, no verso 282, do canto XVIII da *Odisseia* e atribuído a Aristófanis, com a justificação da vulgaridade ou simplicidade (*εὐτελής*) do termo *παρέλκετο*:

“Isto é vulgar, por isso Aristófanis colocou o *κεραύνιον*”<sup>14</sup>

O asterisco, *ἀστερίσκος* (✱), servia para indicar os versos homéricos repetidos noutro lugar, segundo Aristonico (séc. I aC)<sup>15</sup>. Por exemplo, o verso 56 do canto II da *Ilíada* surge marcado com um asterisco, porque se repete no canto XIV da *Odisseia*, no verso 495, onde surge erradamente (*κακῶς*). O asterisco assinalava, portanto, o lugar correcto do verso. Diz Eustácio de Tessalónica explicando este sinal da crítica textual antiga:

“Os antigos colocavam asterisco, que é um sinal em forma de estrela que tem quatro pontos nas pontas, assim ✱ e é colocado sobre os versos que são melhores e que como que brilham como estrelas”<sup>16</sup>

Aristófanis associou-o ao óbelo para indicar que os versos foram transferidos doutro lugar, segundo a explicação feita por Aristonico aos sinais críticos usados nas edições homéricas. Assim, por exemplo, os versos 71 a 74 do canto III da *Odisseia* advêm da fala do Ciclope, no canto IX (versos 252-255), em cujo contexto figuram de modo mais adequado (*οἰκειότερον*)<sup>17</sup>.

O sigma e anti-sigma, *σίγμα* (C) e *αντίσιγμα* (O), serviam a Aristófanis para assinalar os versos redundantes (tautologia). Assim, a respeito da construção da jangada no canto V da *Odisseia* (versos 247-8) dizem os escólios que “Aristófanis pensava que os dois

<sup>12</sup> Segundo Galeno, “ὁ καλοῦσιν ὀβελόν, οἷον σημείω καὶ Ἀρίσταρχος ἐχρήσατο παρὰ τῷ ποιητῇ πρὸς τοὺς ὑποπτευομένους ὑπ’ αὐτοῦ στίχους” (*In Hippocratis de natura hominis librum commentarii iii*, 15.110, Kühn).

<sup>13</sup> “ὀβελὸς περιεστιγμένος πρὸς τὰς εἰκαίους ἀθετήσεις” (D.L. 3.66).

<sup>14</sup> “εὐτελὲς τοῦτο, διὸ καὶ κεραύνιον παρέθηκεν Ἀριστοφάνης” (*scholia uetera*). Pfeiffer (1968: 178, n.10) realça a obscuridade da afirmação, que não deixa claro se Aristófanis condenava o passo todo ou o verso apenas. Isidoro relaciona o *ceraunium* com os *versus improbi* (*Etym.* 1.21.21).

<sup>15</sup> Sabemos, por um gramático alexandrino, do séc. II dC, que Aristófanis usou na edição de Alceu o *ἀστερίσκος* para indicar um poema com um metro diferente do anterior: “ἐπὶ δὲ τῶν Ἀλκαίου ἰδίως κατὰ μὲν τὴν Ἀριστοφάνειον ἔκδοσιν ἀστερίσκος ἐπὶ ἑτερομετρίας ἐτίθετο μόνης” (Heph. *De signis*, p. 74, l. 11-s, Consbruch)

<sup>16</sup> “Καὶ τιθέασιν ἐνταῦθα οἱ παλαιοὶ ἀστερίσκον, ὅς ἐστιν ἀστέρος σημεῖον χιαστόν, ἔχων ἐν ταῖς τέσσαρσι γωνίαισι στιγμάς, οὕτω ✱ καὶ τίθεται ἐπὶ τῶν ἄριστα ἐχόντων ἐπὶ καὶ ἀστεροειδῶς οἰονεῖ λαμπόντων, ὥς ἐν καλῷ τόπῳ κειμένων” (Eust. *Commentarii ad Homeri Iliadem* vol. 2, p. 183, l. 5-ss, van der Valk)

<sup>17</sup> “ὁ δὲ Ἀρίσταρχος οἰκειότερον αὐτοὺς τετάχθαι ἐν τῷ λόγῳ τοῦ Κύκλωπος φησιν. οὐδὲ γὰρ νῦν οἱ περὶ Τηλέμαχον ληστρικόν τι ἐμφαίνουσι” (Aristonico, *De signis Odysseae* 3.71; *scholia uetera*).

versos andavam em torno do mesmo, por isso lhes coloca um sigma e um anti-sigma”<sup>18</sup>. Para Aristarco o anti-sigma indicava um verso com o qual um ou mais versos deviam ser colocados em ordem. Por exemplo, o anti-sigma no verso 192, do canto II da *Ilíada*, indica “que depois deste devem ser colocados em ordem os três versos marcados com um sigma junto com um ponto”<sup>19</sup>.

A σιγμή (•) era usada por Aristarco para assinalar um verso que o editor alexandrino ainda não estava preparado para atetizar com um óbelo, segundo Amónio (séc. V dC):

“Amónio, discípulo de Aristarco, diz que Aristarco primeiro assinalou os versos com pontos, a ver se por fim os retiraria (isto é, primeiro marcou-os com estes sinais de dúvida e mais tarde determinaria se eram espúrios e se devia assinalá-los com um óbelo)”<sup>20</sup>.

A διπλῆ (>), que é um parêntesis esquinado<sup>21</sup>, assinala um comentário próprio suscitado por questões interpretativas. Por exemplo, quando Nestor envia Fénix, Ájax e Ulisses à tenda de Aquiles, no canto IX da *Ilíada*, o advérbio ἔπειτα do verso 169 é entendido por Aristarco num sentido temporal, como “depois disto” (μετὰ ταῦτα), mas também pode ser interpretado como “juntamente com”, indicando uma associação<sup>22</sup>.

O parêntesis esquinado com dois pontos assinala, uma nota crítica de Aristarco em desacordo com Zenódoto<sup>23</sup>. Por exemplo, no canto IV da *Ilíada*, no passo em que Atena procura Pândaro, Aristonico fala de uma edição homérica em que recebem parênteses esquinados com pontos os versos 88 e 89, que haviam sido atetizados por Zenódoto, porque entendera que a atitude da deusa era própria de um humano. Mas, em desacordo com este, Aristarco “reconhece que, assemelhando-se a um humano, é inevitável que [a deusa] se comporte com características humanas”<sup>24</sup>.

<sup>18</sup> “Ἀριστοφάνης τὸ αὐτὸ ᾧετο περιέχειν ἄμφω. διὸ τῷ μὲν σίγμα, τῷ δὲ ἀντίσιγμα ἐπιτίθησιν” (*scholia uetera*).

<sup>19</sup> “τὸ ἀντίσιγμα, ὅτι ὑπὸ τοῦτον ἔδει τετάχθαι τοὺς ἐξῆς παρεστιγμένους τρεῖς στίχους (sc. Θ 538–40)” (*scholia uetera*).

<sup>20</sup> “Ἀμμώνιος δὲ ὁ Ἀριστάρχειος πρῶτον μὲν σιγμαῖς φησὶ τὸν Ἀρίσταρχον παρασημειώσασθαι αὐτούς, εἶτα δὲ καὶ τέλειον ἐξελεῖν (h. e. primum dubitationis signis notasse, deinde prorsus statuisse spurios esse et obelo signandos)” (Aristonico, *De signis Iliadis* 10.398; *scholia uetera* 10.397–9b).

<sup>21</sup> Hoje os parênteses esquinados (< >) assinalam letras, palavras ou passos acrescentados pelo editor por conjectura ou a partir de fontes paralelas ao texto. Quando encerram um espaço em branco ou asteriscos (estes podem ser usados sem os parênteses esquinados) indicam uma omissão, na leitura do editor.

<sup>22</sup> “ἡ διπλῆ, ὅτι τὸ ἔπειτα Ἀρίσταρχος ἀντὶ χρονικοῦ παραλαμβάνει, ἀντὶ τοῦ μετὰ ταῦτα, ὡς καὶ Ἑρμείας μὲν ἔπειτα (κ 307). βούλεται γὰρ πρῶτον τὸν Φοίνικα ἀπεληλυθότα εἰς τὸ σκῆνωμα, εἶτα τὸν Ὀδυσσεά καὶ τὸν Αἴαντα ὡς πρεσβεύοντας. ὁ δὲ Κράτης τὸ ἔπειτα ἀντὶ τοῦ δὴ συνδέσμου λαμβάνει” (Aristonico, *De signis Iliadis* 9.169; *scholia uetera*).

<sup>23</sup> Diógenes Laércio explica que este sinal crítico significa “discordância em relação às correcções de alguns”: “διπλῆ περιεστιγμένη πρὸς τὰς ἐνίων διορθώσεις” (D.L. 3.66).

<sup>24</sup> “τούτῳ καὶ τῷ ἐξῆς παράκειται διπλαῖ περιεστιγμένοι ἀγνοεῖ δὲ ὅτι ὁμοιωθεῖσα Λαοδόκῳ ἀνάγκην εἶχεν ἀνθρώπινα ἐπιτηδεύειν” (*scholia uetera* 88a).

Ao analisarmos o uso destes sinais críticos concluímos que os autores das *ἐκδόσεις* da época alexandrina valorizavam quatro áreas: 1. Determinar os passos espúrios; 2. Verificar a sequência do texto; 3. Definir a lição adequada; 4. Discutir a especificidade semântica de alguns termos. Se os três primeiros procedimentos continuam a pertencer ao âmbito da crítica textual, o mesmo não podemos dizer do último, que se integra no domínio da lexicografia. Mas, nesta época, aquilo que se designa por *ἐκδοσις* seria provavelmente a apresentação de uma versão do texto homérico já existente com a introdução de correcções e explicações (Montana 2015: 92).

No entanto, lembremos que o estudo das acepções específicas de determinados termos nem sempre é independente da edição de um texto. Exemplifica a relevância da análise semântica para a fixação de uma determinada lição a opção por *πόνος*, em vez de *φόβος*, que se encontra no *codex* Venetus A, em *Il.* 4. 456. Segundo Dídimo<sup>25</sup>, esta leitura explica-se por não haver fuga, neste verso que descreve o confronto entre Troianos e Aqueus, depois de um símile que evoca a força das águas de dois rios, no Inverno<sup>26</sup>. A leitura *φόβος* fundamenta-se na ideia contrária de que há uma fuga com medo, segundo explicação de Aristonico<sup>27</sup>. Também o uso do verbo denominativo de *φόβος* em *Il.* 21.575, no passo em que se compara o estado de espírito de Agenor, prestes a combater contra Aquiles, com o de uma fêmea de leopardo que enfrenta o caçador, é explicado por Aristonico como tendo a acepção de “fugir”<sup>28</sup>.

Para eliminar versos ou reflectir sobre essa possibilidade estes editores usaram, portanto, o óbelo e o ponto; para fixar a melhor lição não havia um sinal crítico específico, embora o *ceraunion* pareça ter servido a Aristófanos para assinalar as vulgaridades; para trabalhar a sequência do texto Aristarco recorreu ao sigma e anti-sigma (alterações de ordem) e ao asterisco (versos retirados de outro lugar); para questões interpretativas Aristarco usou o parêntesis esquinado, que, acompanhado de dois pontos, podia servir para reintroduzir versos cuja eliminação havia sido proposta.

<sup>25</sup> Autor do séc. I aC (c.65aC-10 bC) que escreveu uma obra intitulada *περὶ τῆς Ἀριστάρχου διορθώσεως*, cujos fragmentos se encontram no *codex* Venetus A

<sup>26</sup> “Ἀρίσταρχος ἰαχὴ τε πόνος τε’ οὐ γὰρ γέγονέ πο φυγὴ” (*scholia uetera* 4.456b).

<sup>27</sup> “ἰαχὴ τε φόβος τε’ ὅτι τὴν μετὰ δέους φυγὴν φόβον εἰρηκεν” (*scholia uetera* 4.456a).

<sup>28</sup> “τὸ φοβεῖται ἀντὶ τοῦ φεύγει” (*scholia uetera* 21.575a1). No entanto, nem sempre o estudo das acepções tem consequências na escolha das lições. Por vezes é apenas o interesse pelo léxico para entender melhor o poema que se evidencia. Exemplo disso é a distinção entre *οὐτάζω*, ao qual se atribui o sentido de “atingir de perto”, e *βάλλω*, como “atingir de longe”. A respeito do sintagma *ἐξ ὠτειλῆς*, no verso 266 do canto XI da *Ilíada*, usado para descrever o sangue que jorra, ainda quente, da ferida que Ifidamante fez a Agamémnon, explica-se que *ὠτειλῆ* designa uma ferida feita com a mão de acordo com *οὐτάζω*: “τὴν ἐκ χειρὸς πληγὴν ὠτειλὴν λέγει, παρὰ τὸ οὐτάσαι” (*scholia uetera*). Em *Ilíada* 14.424, a propósito do sintagma “οὐτάσαι οὐδὲ βαλεῖν” explica-se: “οὐτάσαι οὐδὲ βαλεῖν: οὐτάσαι ἐγγύς, βαλεῖν πόρρωθεν” (*scholia uetera* 14.424b).

Sobre a eliminação de versos, realçaremos, primeiro, a subjectividade da colocação de óbelos; depois, centrar-nos-emos em duas partes de destaque em cada um dos poemas: o proémio da *Ilíada* e o desfecho da *Odisseia*.

A já referida eliminação dos versos 88-89 do canto IV da *Ilíada* advém da ideia de que o comportamento dos deuses tem de ser digno do seu estatuto divino: Atena, como deusa, não podia ter um comportamento humano. De facto, é muito comum que estes filólogos façam juízos de valor sobre o texto homérico, baseando neles a identificação dos passos espúrios. Esta avaliação pessoal pode valorizar a dignidade das personagens ou do autor dos poemas, Homero. Assim, por exemplo, quando, no canto VIII da *Ilíada*, Heitor insulta Diomedes, os três últimos versos do seu discurso (164-6) são atetizados por Aristófanes, segundo Dídimos. O sinal >: indica que Aristarco discordaria de Zenódoto, logo também atetizaria este verso. Aristonico explica “que são três versos vulgares no contexto, e a expressão ‘Antes vou eu tratar-te do destino’ não se ajusta à autoridade do poeta e, além do mais, as palavras são inadequadas aos caracteres”<sup>29</sup>.

Merece referência também, pela aplicação de um critério ligeiramente diferente (eivado, todavia, de idêntica subjectividade), um passo da *Ilíada* atetizado por Aristófanes e Aristarco e aceite por Zenódoto. No canto VIII, quando Heitor pede aos seus cavalos que retribuam em acto de coragem os alimentos e o vinho que Andrómaca lhes havia dado, Aristonico explica que “o verso (*Il.* 8.189) é completamente ridículo porque os cavalos não bebem vinho, sendo também ridículo que o íntimo impelisse à embriaguez”<sup>30</sup>. O sinal >: indica que Aristarco discordaria de Zenódoto, que, neste caso, aceitaria o verso.

São, portanto, critérios de eliminação não apenas a vulgaridade da linguagem ou dos comportamentos, na medida em que contrariam a dignidade dos heróis e dos deuses, mas também a noção do risível que bane do texto homérico o elemento ficcional e reflecte uma forma literal de interpretação.

Falamos do proémio da *Ilíada* leva-nos a referir não apenas a eliminação de versos, mas também a fixação de lições. Dizem-nos Aristonico que Zenódoto atetizou os versos

---

<sup>29</sup> “ἀθετοῦνται στίχοι τρεῖς ὅτι εὐτελεῖς εἰσι τῇ κατασκευῇ καὶ τὸ πάρος τοι δαίμονα δώσω (166) τελείως ἐστὶν οὐ κατὰ τὸν ποιητὴν. ἀνάρμοστα δὲ καὶ τὰ λεγόμενα τοῖς προσώποις” (*scholia uetera* 8.164-6a). Montana (2015: 92) diz a este respeito: “The Alexandrian scholars had developed various editorial criteria based on clues pointing to suspected corruption with respect to the content, such as inconsistency and inappropriateness (the latter in accordance with the principle of ἀπρέπεια, “unsuitableness”, whose roots are Aristotelian), repetitions, eccentric passages not in harmony with a particular writer’s usage”.

<sup>30</sup> “γελοιότατος ἐπὶ ἵππων ὁ στίχος, ὅτι οἶνον ἵπποι οὐ πίνουνσι. καὶ ὅτι θυμὸς ἀνῶγοι εἰς μέθην γελοῖον” (*scholia uetera* 8.189a). Enquanto no texto homérico o θυμός é claramente o de Andrómaca, o comentário parece referir-se ao θυμός dos próprios cavalos.

4 e 5 do canto I da *Ilíada*<sup>31</sup>, e diz-nos Ateneu<sup>32</sup> e Eustácio de Tessalónica que aquele leria no verso 5 *δαῖτα* em vez de *πᾶσι*<sup>33</sup>. O parêntesis esquinado com dois pontos (≧), no *codex* Venetus A, permite-nos concluir que Aristarco contestaria a leitura. Se o gosto de Zenódoto pela sintaxe concisa pode explicar a eliminação dos dois versos, já a lição que propõe pode advir da leitura de algum manuscrito do séc. V aC., como a comparação com passos extraídos dos três tragediógrafos parece sugerir<sup>34</sup>:

κυσὶν δ' ἔπειθ' ἔλωρα κἀπιχωρίοις/ ὄρνισι δεῖπνον (A. *Supp.* 800-1);

ἔᾶν δ' ἄκλαυτον, ἄταφον, οἰωνοῖς βοράν (S. *Ant.* 29-30, reconstituição de Fraenkel);

κυσὶν τε φοινίαν δαῖτ' (E. *Hec.* 1077);

θοῖαν θηρσί τε φονίαν / δαῖτα (E. *Ion* 505-6)

No entanto, não conseguimos determinar se a lição é antiga ou uma alteração do séc. IV aC, por influência da doutrina peripatética<sup>35</sup>, ou uma conjectura tardia. Aristarco será o responsável pela lição *πᾶσι* que se vai encontrar em todos os manuscritos.

Analisar a perspectiva destes editores do texto homérico sobre os últimos versos da *Odisseia* coloca uma nova dificuldade que consiste na eventual obscuridade semântica dos escólios. Neles lemos que Aristófanes e Aristarco consideravam que a *Odisseia* terminaria no verso 296, do canto XXIII. A ideia é expressa com dois termos diferentes para designar “fim”; *πέρας* e *τέλος*<sup>36</sup>. E estudiosos houve que defenderam que Apolónio de Rodes preconizaria o mesmo, já que o último verso da *Argonáutica* seria uma alusão tácita ao verso homérico. Mas ver em “ἀσπασίως ἀκτὰς Παγασηίδας εἰσαπέβητε” (AR 4.1787) uma evocação de “ἀσπάσιοι λέκτροιο παλαιοῦ θεσμὸν ἴκοντο” (*Od.* 23.296)<sup>37</sup> parece-nos muito forçado, dada a clara diferença lexical entre os dois versos. De facto, a coincidência resume-se às três primeiras sílabas.

<sup>31</sup> “Ζηνόδοτος τοὺς δύο (sc. A 4–5) ἄθετεῖ” (*De signis Iliadis; scholia uetera* 1.4a).

<sup>32</sup> Ateneu diz que foi por ignorância que Zenódoto optou pela lição *δαῖτα*: “ἀγνοῶν δὲ ταύτης τῆς φωνῆς τὴν δύναμιν Ζηνόδοτος ἐν τῇ κατ’ αὐτὸν ἐκδόσει γράφει” (Ath. *Deipnosophistae* 1.21, Kaibel)

<sup>33</sup> Para Eustácio de Tessalónica *πᾶσι* é a leitura original: Zenódoto terá substituído *πᾶσι* por *δαῖτα* (vol. 1, p. 390, l.25, van der Valk).

<sup>34</sup> Segundo Pfeiffer (1968: 114), enquanto a eliminação dos versos 4 e 5 parece fundamentar-se em razões internas e, portanto, subjectivas, a proposta da lição *δαῖτα* parece basear-se em evidências externas para fixar o texto.

<sup>35</sup> A explicação de Ateneu, a propósito de *Il.* 9.225, que o termo *δαίς* remete para uma igual distribuição do alimento e que, por isso, não podia ser aplicado a animais, pode advir da influência da doutrina peripatética, interessada nos costumes e na sua evolução.

<sup>36</sup> M.V. Vind. 133: “Ἀριστοφάνης δὲ καὶ Ἀρίσταρχος πέρας τῆς Ὀδυσσεΐας τοῦτο ποιοῦνται”; H.M.Q.: “τοῦτο τέλος τῆς Ὀδυσσεΐας φησὶν Ἀρίσταρχος καὶ Ἀριστοφάνης” (*scholia uetera*).

<sup>37</sup> Meyer, Wilamowitz, Merkelbach, Bethe (Moulton 1974: 156-7); Rossi, Erbse, Kullmann (Rengakos 2001: 212, n.57).



Eustácio de Tessalónica explicou que o verso 296 seria o fim da acção principal, mas não da *Odisseia* como livro<sup>38</sup>. Considerava, portanto, uma progressão na diegese que culminaria no momento em que Ulisses e Penélope se abraçavam no leito conjugal. Esta leitura originou uma tentativa de estabelecer uma distinção lexical entre *πέρας* e *τέλος*, que se revelou infrutífera<sup>39</sup>.

Além disso, os escólios também dizem que Aristarco atetizou os versos 310 a 343 do canto XXIII (a narrativa das suas aventuras a Penélope, contadas em discurso indirecto) e os primeiros duzentos e quatro versos do canto XXIV (a segunda *nekuia*). Mas, se considerava espúrios todos os versos a partir do verso 297 do penúltimo canto, porque atetizaria estas partes?<sup>40</sup>

A hipótese de que Aristófanos e Aristarco tenham colocado o fim da *Odisseia* no referido verso 296 coloca o problema da autoria da divisão do poema em vinte e quatro cantos. Pois, se aqueles preconizavam esta ideia, não poderiam ter separado os dois últimos livros, sendo admissível que recuasse a Zenódoto a actual estruturação do poema (Pfeiffer 1968: 116).

Não é fácil, uma vez mais, determinar a autoria desta estrutura. Nos séculos V e IV aC já se localizavam episódios específicos nos Poemas Homéricos, como o catálogo das naus (Th. 1.10.4), a *aristeia* de Diomedes (Hdt 2.116), a *teichomachia* (Pl. *Ion* 539b). A existência de papiros que atestam o uso marginal de letras junto dos versos permitem colocar a hipótese de que a divisão seja anterior a Zenódoto, como sugere Pfeiffer (1968: 116). No entanto, ela só aparece nos manuscritos antigos depois de Aristarco, a quem fontes tardias atribuem a autoria da divisão em cantos.

Quisemos com estes escassos exemplos demonstrar como o trabalho feito pelos estudiosos da época alexandrina sobre os textos da Antiguidade significou o surgimento da crítica textual. Apesar da subjectividade de certos procedimentos, a criação de notação crítica e o cuidado com a análise do léxico e das variantes dos manuscritos<sup>41</sup>

---

<sup>38</sup> “εἶποι ἂν οὖν τις, ὅτι Ἀρίσταρχος καὶ Ἀριστοφάνης οἱ ῥηθέντες οὐ τὸ βιβλίον τῆς Ὀδυσσεΐας, ἀλλὰ ἴσως τὰ καίρια ταύτης ἐνταῦθα συντετελέσθαι φασίν” (Eust. *Commentarii ad Homeri Odysseam* vol.2, p. 308, l. 34-5, Stallbaum). Moulton (1974:153) diz que, desta maneira, Eustácio explica os filólogos alexandrinos e salva o final da *Odisseia*.

<sup>39</sup> Cf. Moulton (1974: 154-5); Loureiro (2013: 95-6).

<sup>40</sup> Moulton (1974: 156) resolve o problema propondo a existência de duas edições da autoria de Aristarco, uma mais dependente de Aristófanos e outra menos.

<sup>41</sup> Para Montana (2015: 91), no que diz respeito ao texto homérico, não há dúvida de que haveria um trabalho de colação: “Here [ancient scholarship on Homer] the comparison among copies is not only clearly attested, albeit in an episodic and discontinuous manner, but it was in a sense inescapable and forced by the atomization of the textual tradition of the poems at that time, represented as they were by a

são o dealbar de uma nova ciência, numa época em que os saberes se apresentam em total complementaridade.

---

number of local (πολιτικάί or κατὰ πόλεις) and individual ‘editions’ (κατ’ἄνδρα, as, for instance, that provided by the epic poet Antimachus of Colophon, living in the 5th/4th century)”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Cajoli, F. (1928). *A History of Mathematical Notations, Two volumes bound in one. Vol. 1. Notions in Elementary Mathematics. Vol. 2. Notions Mainly in Higher Mathematics*. Mineola, New York: Dover Publications.
- Forbes, P. B. R. (1933). “Greek Pioneers in Philology and Grammar”. *The Classical Review* 47, 3, 105-112.  
[https://www.jstor.org/stable/699069?read-now=1&seq=1#page\\_scan\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/699069?read-now=1&seq=1#page_scan_tab_contents)  
(30.03.2019; 19:40)
- Geiger, J. (2012). “Ptolemy of Ascalon, Historian of Herod”. *Scripta Classica Israelica* 31, 185-190.  
[file:///C:/Users/Alexandra/Downloads/Ptolemy\\_of\\_Ascalon\\_Historian\\_of\\_Herod.pdf](file:///C:/Users/Alexandra/Downloads/Ptolemy_of_Ascalon_Historian_of_Herod.pdf)  
(03.05.2019; 21:47)
- Grube, G.M.A. (1995). *The Greek and Roman Critics*. Cambridge, Indianapolis: Hackett Publishing Company.
- Loureiro, João Diogo (2013). “Os finais da *Odisseia*: a autenticidade do canto XXIV”. *Boletim de Estudos Clássicos* 58, 95-117.  
[https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/34002/1/BEC58\\_artigo7.pdf?ln=pt-pt](https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/34002/1/BEC58_artigo7.pdf?ln=pt-pt)  
(28.04.2019; 14:07)
- Montana, F. (2015). “Hellenistic Scholarship”, in: Editors: Franco Montanari, Stefanos Matthaios & Antonios Rengakos (eds.), *Brill's Companion to Ancient Greek Scholarship* (2 Vols.). Leiden: Brill, 60-183.
- Moulton, C. (1974). “The End of the *Odyssey*”. *Greek, Roman and Byzantine Studies*, 15, 153-169.  
<https://grbs.library.duke.edu/article/viewFile/8891/4631>  
(25-04.2019; 18:21)
- Pfeiffer, R. (1968). *History of Classical Scholarship from the beginnings to the end of the Hellenistic Age*. Oxford: Oxford Clarendon Press.
- Rengakos, A. (2001). “Apollonius Rhodius as a Homeric Scholar”, in: Theodore Papanghelis & Antonios Rengakos (eds.), *A Companion to Apollonius Rhodius*. Leiden, Boston, Köln: Brill, 193-216.
- Sandys, J. E. (1967). *A History of Classical Scholarship Vol. 1. From the Sixth century B.C. to the end of the middle ages*. New York, London: Hafner Publishing Company.
- West, M. (2002). *Crítica Textual e Técnica Editorial aplicável a textos gregos e latinos*, trad. de António Manuel Rebelo (*Textual Criticism and Editorial Technique*, 1973, Stuttgart: Teubner). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.